



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VALÉRIA AMARAL PUREZA

GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: o curso de licenciatura em pedagogia e a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero na escola

BREVES-PARÁ
2021

VALÉRIA AMARAL PUREZA

GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: o curso de licenciatura em pedagogia e a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero na escola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral

BREVES-PARÁ
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P985g Pureza, Valeria Amaral.
Gênero e formação docente : o curso de licenciatura em pedagogia e a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero na escola / Valeria Amaral Pureza, . — 2021.
27 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2021.

1. Relações de gênero. 2. Formação docente. 3. Curso de pedagogia. 4. Escola. I. Título.

CDD 378.0071081

VALÉRIA AMARAL PUREZA

GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: o curso de licenciatura em pedagogia e a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero na escola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral

Data de aprovação: 07/06/2021.

Conceito:

Banca Examinadora:

Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes
CUMB-UFPA

Dr. Natamias Lopes de Lima
CUMB-UFPA

Dra. Eliane Miranda Costa
CUMB-UFPA

À Sônia e Enil, por serem os melhores professores que a vida poderia me proporcionar, mas também, pais excelentes. Vocês foram meu conforto durante todos esses tempos turbulentos e nos meus quatro anos e meio de curso.

À Nayara e Bruno, por todo apoio e sinergia de irmãos quando eu precisava de ajuda, a vocês o meu eterno agradecimento.

Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque sem Ele em minha vida, não seria possível ter entrado na faculdade e enfrentado meus medos e inseguranças, mas com a fé que existe Nele e em mim, a realização desse sonho de ser pedagoga foi exequível.

À minha família: Enil, Bruno, Nayara e Bernardo, por serem minha base e minha proteção em todos os momentos, foi por vocês que eu não desisti e segui firme em minha caminhada. Em especial a minha orientadora, professora e mãe Sônia Amaral, obrigada por sempre estar ao meu lado, me apoiando, me ajudando, me ouvindo e me incentivando a ser o meu melhor. Mãe, é pela sua luta e amor ao trabalho que me fez admirar o lecionar, você manifesta que o ensinar é uma profissão desafiadora, mas também linda, de conexões e aprendizados tão singelos que nos fazem apaixonar e valorizar cada um que está em nosso lado aprendendo conosco e nos ensinando. Meu muito obrigada, minha família,

Aos meus professores de Faculdade, tanto os que são efetivos, quanto os contribuíram como colaboradores nas disciplinas, por oferecerem ensino de qualidade na nossa instituição pública de Ensino Superior no Marajó. Sempre respeitando as dificuldades de cada um/a, flexibilizando suas dinâmicas para melhor aprendizado da turma. Em especial ao Prof. Leonildo, meu querido locutor, Prof^a Cleide, minha inspiração e a mulher da melhor risada já ouvida e Prof^a Eliane, a grande mulher dos conhecimentos ilimitados, vocês sempre estiveram junto a mim e de minha turma, proporcionando educação de excelência, agradeço por tudo.

A meus amigos e colegas de curso, em especial as minhas amigas Joyce e Raeulli, por terem sido meu grupo de estudos, de compromisso, de lazer e hoje, minhas verdadeiras amigas. Deus fez questão de nos unir singelamente na faculdade e graças ao nosso convívio, sempre soubemos como nos entender e compreender, respeitando-nos nas nossas singularidades. Aos meus amigos da vida, agradeço aqueles que continuam e aqueles que já partiram, todos foram essenciais para meu desenvolvimento e amadurecimento como pessoa.

Por último, não menos importante, a nossa UFPA, por ter me proporcionado tantos ensinamentos, oportunidades e condições de ter uma ótima educação superior, pois o curso de Pedagogia sempre foi minha primeira e única opção de curso, embora a possibilidade de cursar outros. Esse tempo estudando, me fez entender que o ensinar é uma arte, a arte de mediar conhecimentos, mostrou-me que essa profissão de professor é singular para a sociedade, porque todos nós precisamos ser alfabetizados e letrados, mas do que isso, nos tornar cidadãos e cidadãs ativos e tudo isso pode acontecer, graças ao nosso trabalho de professoras e professores. É trabalho de formar para a vida. Obrigada UFPA!

[...] Para educadoras e educadores importa saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui (Louro, 2010. p. 9).

RESUMO

A luta das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e pela supressão das desigualdades de tratamento entre os gêneros, é longa e cada vez mais fortalecida pelo coletivo de mulheres que não aceitam mais ser tratadas como um segundo sexo. No contexto desse debate, o presente artigo tem como finalidade apresentar o resultado de um estudo realizado sobre a formação docente para trabalhar as relações de gênero na escola. Numa visão geral, objetivou analisar o Projeto Pedagógico do Curso – PPC, de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Universitário do Marajó-Breves e as contribuições que os componentes curriculares desse curso, trazem para a formação de professores/as que tenham como habilidades a produção de práticas pedagógicas e o debate sobre as relações de gênero na escola. De forma específica, buscou identificar que componentes curriculares do Curso de Licenciatura em Pedagogia trazem contribuições para que os futuros professores/as tenham formação para debater e trabalhar as relações de gênero na escola. A base teórica e metodológica firmou-se na abordagem de pesquisa qualitativa (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). Assumiu a forma de pesquisa bibliográfica e Pesquisa Documental (TOZONI-REIS, 2009), por ter importância fundamental às análises dos conteúdos do documento. A coleta de dados deu por meio do PPC, ano 2011. Como base teórica fundamentou-se em Connel (2015), Foucault (1988, 2009), Gomes (2007) e Louro (1997, 2003, 2010). Os resultados indicaram que no PPC, há orientações para o desenvolvimento de competências, habilidades e sete componentes curriculares que apontam de forma direta, por meio das ementas e bibliografias, contribuições à formação acadêmica do/a pedagogo/a para o desenvolvimento de habilidades e competências para a produção de práticas pedagógicas que discutam as relações de gênero na escola. Considerou que o processo de formação, dependem do currículo obrigatório do curso, mas também, dos/as professores que os lecionam, das teorias do conhecimento que embasam as práticas pedagógicas desses agentes, da postura diante da realidade social e da maneira como medeia o conhecimento.

Palavras-chave: relações de gênero. formação docente. curso de pedagogia. escola.

ABSTRACT

Women's struggle for the recognition of their rights and the suppression of inequalities in treatment between genders is long and increasingly strengthened by the collective of women who no longer accept being treated as a second sex. In the context of this debate, this article aims to present the results of a study carried out on teacher training to work on gender relations in schools. In a general overview, it aimed to analyze the Pedagogical Project of the Course – PPC, of the Degree in Pedagogy at the Faculty of Education of the Marajó-Breves University Campus and the contributions that the curricular components of this course bring to the training of teachers whose skills include the production of pedagogical practices and the debate on gender relations at school. Specifically, it sought to identify which curricular components of the Degree in Pedagogy bring contributions so that future teachers are trained to debate and work on gender relations at school. The theoretical and methodological basis was based on the qualitative research approach (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). It took the form of bibliographical research and Documentary Research (TOZONIREIS, 2009), as it has fundamental importance for analyzing the document's contents. Data collection took place through the PPC, in 2011. The theoretical basis was based on Connel (2015), Foucault (1988, 2009), Gomes (2007) and Louro (1997, 2003, 2010). The results indicated that in the PPC, there are guidelines for the development of skills, abilities and seven curricular components that directly point out, through syllabuses and bibliographies, contributions to the academic training of the pedagogue for the development of skills and competencies for the production of pedagogical practices that discuss gender relations at school. He considered that the training process depends on the course's mandatory curriculum, but also on the teachers who teach them, on the theories of knowledge that support the pedagogical practices of these agents, on their attitude towards social reality and the way in which they mediate knowledge.

Keywords: gender relations. teacher training. pedagogy course. school.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: APONTAMENTOS SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA.....	14
2.1	O projeto pedagógico do curso e na organização.....	18
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

As relações entre os gêneros - entendido aqui como às imagens que a sociedade faz do masculino e feminino, sempre foram marcadas pelas desigualdades de direitos entre homens e mulheres, consequências de uma sociedade que historicamente viveu sob o regime do patriarcado e que ainda apresenta barreiras na participação das mulheres na vida pública e nas tomadas de decisões, a exemplo da representação política e nos cargos de gerências, que

segundo boletim informativo do IBGE n. 38 – atualizado em 08/06/2018, apenas 10,5% das mulheres em 2017 ocupavam os assentos da Câmara dos deputados e somente 39,1%, em 2016, assumiram cargos de gerência, o que também difere quanto a questão dos seus rendimentos financeiros, embora, a frequência líquida no ensino médio em 2016 tenha sido maior para as mulheres, 73,5% (IBGE, 2018).

Essas relações, quase sempre desiguais, têm provocado conflitos que vão para além de violências psicológicas ou físicas, chegando ao século XXI, com um número alarmante de mulheres vítimas do feminicídio. De acordo com os dados produzidos, a pedido do Banco Mundial, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou, por meio do G1 (Globo, 2020), no dia 01 de junho de 2020, no relatório intitulado “Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19”, que os casos de feminicídio cresceram 22,2% entre março e abril de 2020, em 12 estados brasileiros, comparados ao ano de 2019, ou seja, a violência contra a mulher sempre foi grave, mas com a situação pandêmica em que o país vive, a situação se acirrou.

Embora as intermináveis lutas pelos movimentos sociais e pelos órgãos que trabalham para a garantia dos direitos humanos, em especial, dos direitos daqueles e daquelas que são considerados como “minorias” (pretos, homossexuais, mulheres, indígenas, dentre outros), os preconceitos enraizados continuam, e um deles ainda está no paradigma da mulher submissa, seja na família, no mercado de trabalho ou nas ruas. O que muitas vezes parece como algo irrelevante, no cotidiano, por vezes, ainda escutamos que “mulheres são, fisicamente, menos capazes do que homens” (Louro, 1997). Isso nos faz refletir sobre a maneira como fomos e estamos sendo educados/as, ou como estamos educando, principalmente no âmbito escolar, onde o gênero feminino é o mais presente, tanto nos profissionais quanto entre os/as discentes.

Para Bárbara Cobo – coordenadora de População e Indicadores Sociais do IBGE

O Brasil já superou o gargalo da educação, porque hoje as mulheres são mais escolarizadas do que os homens, mas isso ainda não está refletido no mercado de trabalho [...]. Ela está chegando mais escolarizada, então por que o rendimento ainda não está similar? Muito provavelmente ela está escolhendo ocupações que precisam de uma jornada de trabalho mais flexível porque ainda tem a carga de afazeres domésticos extremamente pesada. (Santos, 2020).

Esta inquietação, não apenas para com as desigualdades na escolaridade, na divisão sexual do trabalho, mas principalmente, com os dados estatísticos atualizados acerca do aumento de todos os tipos de violência² contra a mulher, chegando ao extremo que é o feminicídio, que segundo Souza (2018, s/p), essa definição do termo,

só veio nos anos 1990, com Caputi e Russell (1992), que definiram como sendo o assassinato de mulheres especificamente por homens motivados por ódio, desprezo, prazer ou por um sentimento de propriedade. Trata-se de um *continuum* de violência que estabelece uma conexão com a mais variadas formas de agressão, tais como estupro, incesto, abuso físico e emocional, assédio, pornografia, exploração sexual, esterilização, maternidade à força, dentre muitas outras.

A escola, sendo uma instituição social, não pode ficar isenta dos debates, das intervenções que venham ao encontro de políticas e práticas que possam combater, inibir e diminuir atos e ações que desrespeitem a mulher e sua subjetividade. Há necessidade de desconstruir práticas que são carregadas de ideologias machistas e que perpetuam a desigualdade entre os direitos de homens e mulheres.

Diante desse contexto, faz-se necessário provocar os lugares de discussões, produções de conhecimentos, como é o caso da educação formal, a se posicionar, colocar em debate o contexto social e cultural das relações de gênero e refletir sobre o que está ensinando para as futuras gerações. A escola, é o local onde esse debate deve estar em pauta em todos os níveis e modalidades de educação, entretanto, para que se cobre tais ensinamentos, há necessidade de se conhecer a formação acadêmica recebida por professores e professoras sobre a temática em destaque.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 9394/96, para exercer o magistério, a gestão do trabalho pedagógico, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, é exigido que os/as docentes, tenham formação em licenciatura em Pedagogia, por entender que essa formação os instrumentalizará para a produção de estratégias e meios que ajudem seus alunos e alunas a exercerem suas cidadanias, conforme dispõe o Art. 2º, quando afirma, que como princípio, a educação deve ser “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por

finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Dessa forma, abre espaço para que a educação sensibilize as pessoas para entrar no debate e contribuir no combate de todas as formas de violação de direitos, exclusões e todas as demais formas de violência que assolam a sociedade.

¹ Violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial, violência moral, entre outras.

Com a problemática em questão, nos inquietamos, na condição de acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia, futura Pedagoga e adentramos no processo de formação docente em nível superior na cidade de Breves, onde temos o curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, ofertado pela Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus de Breves, sendo este o *lócus* escolhido e para onde endereçamos o problema da pesquisa que realizamos para o Trabalho de Conclusão do Curso

- “Quais componentes curriculares do Curso de Licenciatura em Pedagogia trazem contribuições direta para a formação do/a pedagogo/a em relação ao trabalho na escola sobre as relações de gênero?”.

A partir deste problema apresentamos o trabalho que tem como tema “Gênero e Formação Docente: o curso de licenciatura em pedagogia e a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero na escola”. O objetivo geral foi analisar o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Universitário do Marajó-Breves e as contribuições que os componentes curriculares desse curso, trazem para a formação de professores/as que tenham como habilidades a produção de práticas pedagógicas e o debate sobre as relações de gênero na escola. Como objetivo específico: Identificar que componentes curriculares do Curso de Licenciatura em Pedagogia trazem contribuições para que professores/as tenham formação para debater e trabalhar as relações de gênero na escola.

Para adentrar no trabalho de pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, pois a preocupação está na interpretação dos fenômenos e a atribuição aos seus significados (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010). Utilizamos a pesquisa documental, “isso significa dizer que a busca de informações (dados) sobre os fenômenos investigados é realizada nos documentos, que exigem, para a produção de conhecimento, uma análise” (Tozoni-Reis, 2009. p. 41), neste caso, a coleta aconteceu no Projeto Pedagógico do Curso de licenciatura em Pedagogia do Campus Universitário do Marajó – Breves, ano 2011.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, por ter importância fundamental às análises dos conteúdos do documento, pois toda pesquisa, necessita da pesquisa bibliográfica sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar (Tozoni-Reis, 2009). Por ser uma pesquisa qualitativa, os dados serão analisados à luz dos referenciais teóricos, com a preocupação de interpretar e compreender os significados das respostas apreendidas, por meio das leituras, análises e diálogos estabelecidos no decorrer dos estudos.

A escolha do Projeto Pedagógico do Curso - PPC de Licenciatura em Pedagogia do Campus Universitário do Marajó - Breves, se deu por ser um curso que ao longo de duas décadas e meia, faz a formação docente no e para o Marajó, além de outras regiões e dentro do seu PPC, inicialmente mostrou nas habilidades que o perfil profissional deve ser de quem atue com ética e compromisso para a construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária. Portanto, foi por meio desses registros que realizamos nossos estudos.

Diante destas informações, justificamos o presente estudo. Sua relevância encontra-se na compreensão de como os/as futuros/as professores/as estão sendo formados para lidar com práticas pedagógicas que proporcionem o debate sobre as relações de igualdade e desigualdade de gênero, pertinente e necessário no contexto em que vivemos; além do que, a partir deste estudo, podemos (nós ou outros estudiosos/as), propor ações que a escola possa comprometer-se com currículos menos técnico e mais humano. A formação docente não pode ser restrita aos conhecimentos cognitivos, mas investir na sensibilização e conscientização das pessoas em relação aos direitos igualitários.

Por se tratar de um texto que trabalha as relações de gênero, justificamos sua escrita com as marcações do gênero feminino, pois como afirma, Louro (1997), muitas vezes seguimos as regras definidas na gramática, sem considerar que a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, ela demarca lugares, expressa poderes e até os institui, produzindo e fixando diferenças.

2 GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: APONTAMENTOS SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA

Conceituar gênero é algo desafiador, em virtude dos inúmeros conceitos formulados e reformulados ao longo da história, entretanto, faz-se necessário abrir o debate para que se chegue a uma análise que não perca o significado do que queremos estudar. “Para a maioria das pessoas, ser homem ou mulher é, acima de tudo, uma questão de experiência pessoal. É parte da forma como crescemos, como levamos a vida familiar e as relações sexuais, a maneira como nos apresentamos em situações cotidianas e como nos vemos” (Connell, 2015. p.189).

De acordo com Albernaz e Longhi (2009, p. 84) “o gênero é considerado uma das principais e primeiras formas de ordenar o pensamento humano. As classificações culturais de gênero são fortes porque ordenam a natureza, a sociedade, as instituições e os modos de ser das pessoas de uma forma que parece envolver toda a vida humana”, o que nos impulsiona a

estudar essa categoria, uma vez que fora do meio acadêmico, para muitas pessoas, o conceito de gênero é visto de forma equivocada.

Diante dessa constatação, torna-se importante modificar esse entendimento sobre gênero, trazer contribuições de estudos, pesquisas, e principalmente proporcionar conhecimento para as pessoas que não tem clareza sobre o assunto, muitas vezes por falta de formação nessa área. Desconsiderar os estudos sobre o que essa categoria, em um de seus aspectos, significava na e para sociedade, fortalece os padrões de superioridade do homem em relação a mulher, sem ao menos refletir que tais costumes influenciam de forma indireta para a continuação de discriminações contra quem, no decorrer da história, no caso a mulher, foi considerada como o segundo sexo (Beauvoir, 1970). Compreender gênero vai além de órgãos sexuais, vai ao encontro de que, se você é uma mulher, um homem, ou outro conceito que lhe identifica, é cidadã, cidadão, portanto, infere igualmente direito, respeitando as equidades, fora isso, não há porque a superioridade histórica do sexo masculino se auto afirmar, como acontece diante das normas patriarcais, perpetuadas quase que de maneira homogênea, mesmo na sociedade, dita pós-moderna.

Os estudos sobre gênero, de acordo com Louro (1997, 2003), estão ligados à história do movimento feminista contemporâneo, entretanto, quando se fala em feminismo como movimento social, este, data do século XIX. Importante destacar que os estudos sobre as relações de gênero, perpassam pelas relações de poder (Foucault, 2009, 1988) e nas relações de gênero que envolvem as mulheres, o poder se torna disciplinar, “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar [...] a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (Foucault 2009, p. 164). Assim como, “o poder dos maridos sobre as esposas e dos pais sobre as filhas são um aspecto importante da estrutura do gênero. Essa ainda é uma ideia aceita em grande parte do mundo, mesmo em formatos modificados, como na ideia do pai como “chefe do domicílio”, “chefe de família” etc.” (Connell, 2015, p. 160).

Essas relações de poder começam em casa e ocupam outros espaços sociais, a exemplo da escola, onde se constrói diferenças por meio de símbolos e códigos que indicam ou definem lugares, o que pode ou não pode ser feito por homens e mulheres, como analisa Louro (1997. p. 61) “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e *incorporados* por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*”

O preceito de homem branco, forte, destemido, salvador da pátria, pai de família que honra seu compromisso com a comunidade e luta pela nação, é apenas o começo de como a história dos homens é contada na escola, sem ao menos discorrer sobre o papel feminino, como se a participação da mulher fosse quase que inexistente durante os acontecimentos históricos, em todas as sociedades, o que não é uma verdade universal, a exemplo das mulheres no Egito, onde a condição da mulher era favorável a ela, conforme narra Beauvoir (1970, p. 107) “As deusas-mães conservaram seu prestígio em se tornando esposas; a unidade religiosa e social é constituída pelo casal; a mulher surge como aliada e complementar do homem[...] Ela tem os mesmos direitos que o homem, a mesma força jurídica; herda e possui bens”.

Outro exemplo pode ser o de desmistificar o conceito de mulher como um ser frágil. De acordo com Saffioti (2015), nas sociedades de caça e coleta, a divisão sexual do trabalho não se dava pela força física do homem. Em muitas delas, cabia as mulheres, mesmo grávidas, a caça de focas, conhecidas como um animal grande e escorregadio. E no Brasil, temos inúmeros exemplos de mulheres que são as mantenedoras de suas famílias, trabalham dia e noite e conseguem mostrar que o argumento da fragilidade, pela falta de força física, não se sustenta.

Práticas ensinadas na escola por professores, aprendidas pelos alunos e interiorizadas para si, acabam por serem vistas como “naturais”, dando a liberdade de estarem sendo perpetuadas cotidianamente, onde os meninos são vistos como as pessoas que comandam a brincadeira, com sua postura “natural” de líder e que necessitam estar em disputa constante por espaço, com seus colegas usando a agressividade para “dominar” seu território. Enquanto que as meninas, cabe a elas a “preferência” por brincadeiras com outras meninas, com atividades mais calmas, como brincar de boneca e contar histórias rotineiras de sua vida. Se a criança fugir dessa ordem “natural”, todos os que estão naquele ambiente, logo a chamarão pejorativamente de “machinho”, ou dirão que parece menino, moleque, como se brincadeiras fossem regidas pelas divisões de sexo. “Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a “lógica” que as rege” (LOURO, 1997, p. 60).

Toda essa discussão ganha sentido na formação docente, quando se compreende o que está estabelecido como currículo no Projeto Pedagógico do Curso, e foi por esse caminho que adentramos na investigação no PPC do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus Universitário do Marajó-Breves. Neste documento encontramos 7 (sete)

componentes curriculares que trazem em suas ementas, possibilidades de conteúdos que podem inserir a discussão sobre gênero, conforme apresentamos no quadro 1, que será discutido na próxima seção.

Quadro 1 - Núcleos de estudos, dimensões, componentes curriculares e ementa.

NÚCLEO	DIMENSÃO	COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS	FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	Relações entre Filosofia e Educação. Dimensões epistemológicas, antropológicas e axiológicas da Educação. Estrutura do conhecimento. Linguagem e pensamento. Mito e construção da razão. Problema da verdade. Ciência e Educação. (p. 76)
		PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	Estudo do objeto e história da Psicologia da Educação. Estudo dos processos psicogenéticos e socioculturais presentes nos diferentes contextos educativos. Paradigmas da psicologia: pressupostos e metodologias. Caminho da investigação psicológica da construção de sujeitos concretos. Estudo da psicologia em educação. (p. 79)
		ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL	A antropologia como ciência. Conceito antropológico de cultura. A dimensão simbólica. Identidade e alteridade. Da reciprocidade à troca mercantil. A etnografia e a pesquisa de campo. Abordagem antropológica dos processos formativos. Educação, escola e diversidade cultural. (p. 79-80)
NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS	CURRÍCULO, ENSINO E AVALIAÇÃO	TEORIA DO CURRÍCULO	Teorias de currículo: diferentes conceitos e perspectivas. Dimensões histórica, política, cultural e social do currículo. Questões normativas e legais na definição dos currículos. Seleção de conteúdos e formas de organização do currículo. O processo de elaboração de currículos: relações de poder, conflitos, disputas e alianças. (p. 90)

		CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO	Representações de corpo na sociedade contemporânea e suas repercussões na Educação. Educação do corpo na escola. Concepções históricas de Educação Física. A especificidade e os objetivos da educação física. O corpo e o movimento nas diversas áreas de atuação do pedagogo. O corpo e a escola: intervenções históricas e atuais de controle e castigo. Possibilidades de construção de conhecimento por meio do corpo. Corpo, gênero e sexualidade. (p. 93)
NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS	PESQUISA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E ESTÁGIOS	PRÁTICA PEDAGÓGICA	Espaço interdisciplinar com vistas a articulação entre a realidade vivenciada pelo aluno e a prática pedagógica das escolas. Análise global e crítica da realidade educacional. (p.85)
	TRABALHO DOCENTE NA ED.INFANTIL, SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	LUDICIDADE E EDUCAÇÃO	Estudo histórico do brinquedo. Teoria e concepções da atividade lúdica. As práticas lúdicas como expressão cultural. O brinquedo como fonte de compreensão do mundo. Significado e função do jogo no desenvolvimento humano. A importância do brincar na educação. Realização de projetos de educação lúdica comunitária. (p. 102)

Fonte: PPC Curso de Pedagogia Campus Universitário do Marajó-Breves – 2011;
Organizado pela autora da pesquisa em 2021.

2.1 O Projeto pedagógico do curso e sua organização

O PPC do curso de licenciatura em Pedagogia do Campus Universitário do Marajó-Breves está organizado em 10 seções: apresentação, identificação do curso, diretrizes curriculares, organização curricular, procedimentos metodológicos e planejamento do trabalho docente, infraestrutura, política de inclusão social, sistema de avaliação, referências bibliográficas e apêndices.

Dos objetivos do curso, destacamos o que mostra a oportunidade que o futuro pedagogo/a terá para agir de forma crítica e reflexiva à educação e aos processos de construção da sociedade, da cultura e dos valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, que vem somar para o perfil do profissional a ser formado, com destaque para:

(a) pedagogo (a) com domínio de conhecimentos científicos, didático- pedagógicos e de organização referentes aos processos educativos em geral, demonstrando ação crítico-reflexivo em relação à educação, aos processos de construção da sociedade, da cultura e dos valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem (PPC, 2011, p. 18).

Na seção 3 do referido documento, encontramos nas Diretrizes Curriculares do Curso, os Fundamentos Norteadores - Éticos, Epistemológicos, Didático-Pedagógicos; Objetivos do Curso; Perfil do profissional a ser formado e as Competências e Habilidades. O subtópico Competências e Habilidades, está organizado em: competência teórica, competência prática, competência político social e competência inter-relacional.

Na competência teórica, que trata do domínio do conhecimento científico para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, entre as habilidades relacionadas, consideramos que as atividades curriculares: Filosofia da Educação; Psicologia da Educação; Antropologia Educacional e Teoria do Currículo, apontadas no quadro acima, indicam possibilidades de construção de habilidades, que podem contribuir para a discussão sobre as diferentes relações de gênero encontradas na sociedade, dentre elas destacamos:

b) Realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas (PPC, 2011. p. 20).

No trabalho docente, a pesquisa deve ser a base, tanto para adequar os conhecimentos de acordo com o desenvolvimento dos alunos, quanto para o conhecimento sobre eles. Se o/a futuro/a pedagogo/a conseguir desenvolver essa habilidade, certamente os alunos e as alunas serão compreendidos/as e vistos de outras formas, nas igualdades e nas diferenças que foram construídas socialmente. De acordo com Amaral (2018, p. 27),

Temos a necessidade de compreender homens e mulheres em suas relações, trocas, contatos e nesse olhar, vê-los(as) por inteiros(as), nos significados simbólicos que foram atribuídos a cada um(a) no decorrer do processo histórico, para então compreendermos como as diferenças foram constituídas nesse meio.

Na atividade curricular Filosofia da Educação, que no PPC faz parte do núcleo de estudos básicos, na dimensão de fundamentação do trabalho pedagógico. Dos componentes da ementa desta disciplina, destacamos - **o problema da verdade**, de onde pode erigir construções e desconstruções às ideias relacionadas as verdades construídas, socialmente e que chegam nos currículos, nos livros didáticos e dentre essas verdades, podem estar as

relações de gênero, principalmente as verdades ensinadas nas escolas sobre o papel da mulher. Connell (2015, p.172), afirma que: “Quando falamos em “uma mulher” ou “um homem”, ativamos um imenso sistema de entendimentos, implicações, sobretons e alusões que se acumularam ao longo de nossa história cultural”. Portanto, a filosofia da educação é um caminho para a formação de novos questionamentos sobre as verdades que estamos ensinando e da desconstrução das que aprendemos, sobre o que é “ser homem” e “ser mulher”.

Na Psicologia da Educação que faz parte do núcleo de estudos básicos; na dimensão de fundamentação do trabalho pedagógico. Dos componentes curriculares da ementa, destacamos **a contribuição na formação profissional, o caminho da investigação psicológica da construção de sujeitos concretos**, ou seja, na explicação de como o sujeito é construído internamente diante do reflexo de seus valores familiares e influências externas, que contribuem diretamente para a sua formação identitária. Na escola, o professor é o responsável em trabalhar a formação de maneira que haja promoção do desenvolvimento do/a aluno/a, em todos os seus níveis, não só cognitivo, mas no afetivo, motor, dentre outros.

No núcleo dos estudos básicos, encontramos a Antropologia Educacional, que também faz parte dos componentes da dimensão de fundamentação do trabalho pedagógico. Da ementa, dois pontos podem muito contribuir para os estudos do gênero, o que trata da **Identidade e Alteridade** e o que traz a discussão sobre **Educação, escola e diversidade cultural**. Nesses componentes curriculares tem-se a possibilidade do debate sobre a forma como a sociedade está organizada, como se estabeleceu o comportamento dos indivíduos, seus status e seus papéis na sociedade. Construindo uma visão antropológica, o/a professor/a terá a possibilidade de entender que “a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência da sua ação” (GOMES, 2007, p. 22). Dessa forma, a escola tem um papel singular de mostrar as pessoas que a diversidade existe, mas alertar para que as diferenças não se transformem em desigualdades. Por meio de uma educação antropológica, podemos conhecer e entender a diversidade biológica, cultural, religiosa, sexual, etc, ou seja, compreender que vivemos em uma sociedade diversa, onde todos/as devem ser respeitados/as.

A disciplina Teoria do Currículo, componente do núcleo de estudos básicos, na dimensão de currículo, ensino e avaliação. Pode ser considerada uma das mais importantes para a discussão sobre as relações de gênero, pois como diz Gomes (2007, p. 24), “certos saberes que não encontram um lugar definido nos currículos oficiais podem ser compreendidos como uma ausência ativa e, muitas vezes, intencionalmente produzidas”; nesse sentido, cabe ao professor/a, indagar esse currículo, a hegemonia de certos conteúdos e

a ausência de outros que estão silenciados nas escolas, mas que no cotidiano, estão presentes nos números estatísticos, como exemplo, o número de meninas e mulheres exploradas sexualmente, violentadas e mortas. Dos componentes curriculares da ementa desta disciplina, destacamos - **relações de poder, conflitos, disputas e alianças**.

Esse destaque justifica-se, pela oportunidade que proporciona, de se estudar as teorias pós-críticas do currículo, proposta por Silva (2002) e que faz parte das referências do curso, em estudo. Dentre os temas discutido por ele, encontram-se as relações de gênero e a pedagogia feminina, que trazem inúmeras indagações para a compreensão desse tema.

Embora tenha sua origem no campo dos Estudos das Mulheres, “análise de gênero” não é sinônimo de “estudo das mulheres”. Essa questão tem levado a um aumento significativo nos estudos que focalizam a questão da masculinidade. De forma geral, a pergunta é: como se forma a masculinidade, como se faz do homem um homem? De forma mais importante, pergunta-se: como a formação da masculinidade está ligada à posição privilegiada de poder que os homens detêm na sociedade? [...] Em termos curriculares, pode-se perguntar: como o currículo está implicado na formação dessa masculinidade? Que conexões existem entre as formas como o currículo produz e reproduz essa masculinidade e as formas de violência, controle e domínio que caracterizam o mundo social mais amplo? (Silva, 2002, p. 96)

Na atividade Prática Pedagógica que faz parte do núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, na dimensão da pesquisa, prática pedagógica e estágios. Dos componentes da ementa, destacamos - **Espaço interdisciplinar com vistas a articulação entre a realidade vivenciada pelo aluno e a prática pedagógica das escolas**. Na construção de práticas pedagógicas, a realidade social do aluno precisa estar presente, uma vez que somente pelo conhecimento desta realidade, se fará uma educação contextualizada.

O PPC (2011. p. 74) enfatiza na competência político-social, a “compreensão de que a prática profissional está inserida num contexto social mais amplo, o que requer a vinculação do projeto educativo ao projeto político-social, comprometido com a construção de uma sociedade autônoma e incluyente”. É uma perspectiva de formação que nos aponta esperança, diante de um cenário conturbado em que estamos vivendo, mas ciente de só a esperança não basta, como disse Freire (1992, s/p) “não quero dizer porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade [...] Minha esperança é necessária, mas não é suficiente, ela só não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia”. E por muitas vezes, como aluna deste curso, vi tanto a minha esperança se fortalecer diante das lutas de minhas professoras e professores; como também, em alguns momentos os vi fraquejar, diante

das dificuldades que é projetar uma educação incluyente, numa região onde as políticas públicas são altamente excludentes.

Nas habilidades relacionadas a essa competência, encontra-se no PPC (2011, p. 74-75). Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária” e “Identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras.

Na competência inter-relacional, nas habilidades relacionadas, o PPC (2011, p. 75), diz que os/as futuros pedagogos/as devem “Demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras”. Nesse sentido Gomes (2007, p. 18), nos ajuda a compreender que,

A experiência da diversidade faz parte dos processos de socialização, de humanização e desumanização. A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem.

As atividades curriculares que promoverão a construção dessas competências, de acordo com esse documento são: Corporeidade e Educação e Ludicidade e Educação. São competências e habilidades que se destacam pela responsabilidade que tem em formar os/as professores/as para um mundo plural, onde a diversidade seja entendida, como construção histórica, cultural e social das diferenças, reafirmadas por Gomes (2007, p.17), que justifica:

A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos.

Se o/a futuro professor/a chegar a essa compreensão, muitos dos estereótipos, preconceitos e exclusões, terão a possibilidade de se dissipar e novos olhares e outras verdades poderão chegar até à escola, por meio de outras práticas educativas, onde o reconhecimento das diferenças seja valorado e não ignorado, silenciado, num espaço onde encontra-se em todos os olhares, sentimentos, gostos, etc.

Um outro componente curricular apresentado no PPC, é Corporeidade e Educação, que faz parte do núcleo de estudos básicos, na dimensão de currículo, ensino e avaliação. Desse componente, muitos tópicos precisaram ser destacados, pois eles vão ao encontro da formação que se espera que tenham os/as futuros/as professores/as, sendo eles: **Representações de corpo na sociedade contemporânea e suas repercussões na Educação. Educação do corpo na escola; O corpo e a escola: intervenções históricas e atuais de controle e castigo. Possibilidades de construção de conhecimento por meio do corpo. Corpo, gênero e sexualidade.**

Esse componente curricular, é um dos três mais importantes para o debate das relações de gênero, pois tem uma ementa que possibilita ao professor/a formador/a, abri um leque de discussões e debates, de como a sociedade representa o corpo do homem e da mulher. De acordo com Auad (2017, p. 23), precisamos questionar, e não imediatamente negar, o que percebemos como tipicamente feminino ou tipicamente masculino”. Principalmente se essas classificações tiverem como resultado a desigualdade entre os gêneros.

O estudo do corpo e a escola, faz-se de grande importância socialmente, uma vez que,

A maior violação da dignidade das mulheres parece estar relacionada ao seu próprio corpo e abrange amplo espectro de ações, que vão desde a violência física, que acarreta mortes, mutilações e/ou invalidez em muitos casos, até a desconsideração de sua autonomia, sob os mais variados argumentos, não raro com amparo legal (Barboza e Junior, 2017, p.248).

E por fim, das atividades relacionadas, temos Ludicidade e Educação, que integra o núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, na dimensão do trabalho docente na educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental. Da ementa desta atividade destacamos - **O brinquedo como fonte de compreensão do mundo**, pois desde muito cedo, seja em casa ou na escola, o brinquedo é apresentado à criança, já estabelecido pela divisão do sexo, o que é brinquedo e brincadeira de menino e o que é de menina, dessa forma, produzindo estereótipos e sentimentos de inferioridade entre as crianças, em particular nas meninas, que muitas vezes, por querer estar nas brincadeiras, apresentadas à elas como de meninos, são taxadas de “machinhos”, ou mesmo excluídas do brincar. Não diferente para os meninos, que em muitos casos, ao pegarem em uma boneca para brincar, logo serão orientados de que aquele não é brinquedo de menino, de forma simbólica, uma forma de dizer que o cuidado com as meninas, não é responsabilidade deles.

Na discussão do brinquedo como fonte de compreensão do mundo, Vygotsky (1998) mostra que a importância da brincadeira do faz-de-conta pode ser uma fonte de compreensão e expressão do seu sentimento com o mundo. O jogo, o brinquedo, as brincadeiras, podem ajudar a romper barreiras, inclusive entre o que se entende por ser coisas “de homem” e coisas “de mulher”, já que o brinquedo/brincadeira não tem gênero, sexo, cor definidos, as normas são estabelecidas socialmente, mas as crianças e/ou quem brinca, tem o poder de transgredilas, dessa forma, a brincadeira tem um poder afetivo, educativo e social e é uma forma de ensinar as crianças a conviver e a respeitar as diferenças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus de Breves e considerou que o referido documento traz componentes curriculares que contribuem para a formação do/a pedagogo/a para trabalhar as relações de gênero (masculino e feminino) na escola. Diante das habilidades e competências apresentadas no documento, é possível vislumbrar as contribuições para a formação de profissionais crítico-reflexivos nos processos de produção da ética, dos valores, do conhecimento da diversidade e da diferença, que são inerentes à vida e que estão presentes no cotidiano da escola.

Do PPC, destacamos 7 (sete) atividades curriculares que apontam contribuições na formação acadêmica do/a pedagogo/a: filosofia da educação, psicologia da educação, antropologia educacional, teoria do currículo, corporeidade e educação, prática pedagógica e ludicidade e educação. Em cada uma delas podem ser associadas ementas, atividades curriculares e/ou bibliografias ligadas ao estudo do gênero. Dessa forma, esse documento curricular, oferece possibilidades para o desenvolvimento de habilidades e competências para que o/a futuro/a professor/a possa trabalhar com a diversidade e as diferenças, encontradas em sala de aula, dentre elas as equivocadas divisões de sexo (masculino e feminino), onde se expressa, algumas vezes de maneira explícita, outras de forma velada, os significados e as diferenças dos gêneros, mantendo o paradigma de homem como superior e forte; e a mulher, como a que deve ser recatada, passiva, característica construídas pelo patriarcado e que ainda afeta a nossa sociedade.

Por meio dessas sete atividades curriculares, o/a futuro/a pedagogo/a, tem a possibilidade no decorrer do curso, de aprender, no processo teórico-prático, formas de desmistificar e desconstruir preconceitos “aceitos” e postos como “normal” sobre o ser

homem e ser mulher, no cotidiano, seja da sala de aula ou na vida social. Assim, identificamos que o PPC, reflete positivamente, na construção de futuros/as pedagogos/as com saberes científicos, didático-pedagógicos e organizacionais, dentre outros, ao considerar que a transformação ideológica está ligada diretamente na edificação dos conhecimentos adquiridos para a melhoria da análise crítico reflexiva do exercício da docência.

Diante do exposto, podemos considerar que, embora o PPC do curso seja do ano 2011 e que apresente defasagem quanto as suas referências, que deixam de fora importantes estudiosos/as que discutem a temática gênero, mesmo assim, ele traz grandes contribuições para a formação do/a professor/a para trabalhar as relações de gênero na escola. Entretanto, todo esse processo de formação, dependem sim do currículo obrigatório do curso, mas também, de quem os leciona, das teorias do conhecimento que embasam suas práticas pedagógicas, da sua postura diante da realidade social vivida e da maneira como medeia o conhecimento.

Se for um/a professor/a formador/a acomodado/a, indiferente ao tema, não entrará nesse campo de discussões, preferindo temas que não impactam socialmente. Não estamos falando que por essas questões, não se aprende, mas sim, de que é preciso que todos/as os/as professores/as do curso, avancem na formação desses e dessas futuros/as profissionais que buscam a excelência nessa instituição de ensino superior público no Marajó. Esses e essas futuros/as profissionais precisam de instrumentos teórico-práticos para lutar por uma educação inclusiva e igualitária e futuramente vencer, em particular, nesta luta em favor do respeito e contra as desigualdades entre os gêneros, ainda tão latentes no Brasil e não diferente na região marajoara.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, L. S.; LONGHI, M. Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente. *In*: SCOTT, P.; LEWIS L.; QUADROS, M. T. (organizadores). **Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres**. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2009 Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents> Acesso em 12 de dezembro de 2020

AMARAL, S. M. P. do. **Narrativa Interculturais na sala de aula: Antropologia e Educação no Marajó - Breves-Pará**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA, Universidade Federal do Pará – UFPA: Belém, 2018.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2017.

BARBOZA, H. H. G. e JUNIOR, V. A. A. (Des)Igualdade de gênero: restrições à autonomia da mulher. **Pensar**, Fortaleza, v. 22, n. 1, p. 240-271, jan./abr. 2017. Disponível em <https://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/5409>. Acesso em 23 março, 2021.

BEAUVOIR, S de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/1996**. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em março de 2021.

CONNEL, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Versos, 2015

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAUL, T. M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

FOUCAUL, T. M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008 Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com>. Acesso em 05 mai. 2019

GLOBO. **Monitor da violência**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml> Acesso em 28/04/2020

GOMES, N. L. **Diversidade e Currículo: Indagações sobre Currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf> Acesso em 03 de maior de 2021

IBGE, **Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica**. 2018. N.38. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf

- KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; M. C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático.** - Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <http://www.pgcl.uenf.br/2016/download/LivrodeMetodologiadaPesquisa2010.pdf> Acesso em: 10 mar. 2019
- LOURO, G. L. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excentrico”. *In:* LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SANTOS, M. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia: número de violência contra mulher caíram em apenas 3 estados. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/>. Acesso em: 03/02/2021.
- SAFFIOTI, H. **Gênero Patriarcado Violência.** Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOUZA, S. M. J. de. O feminicídio e a legislação brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, vol. 21, no. 3, set/dez 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802018000300534&lang=pt Acesso em 28/04/2020
- TOZONI-REIS, M. F. de C. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Curitiba: IESDE, Brasil S.A, 2009
- UFPA – **Educação do Marajó: Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia.** Campus Universitário do Marajó – Breves. Breves, 2011
- VIGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.